

O DOMINGO.

SEMANARIO CRITICO E LITTERARIO.

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADIANTADAS.

Editor e proprietario—A. Azevedo.

ANNO II.

Este jornal publica-se aos domingos—Assina-se, a 25000 por trimestre, na typographia do Paiz, Largo de Palacio n. 17.

NUMERO 26.

O DOMINGO.

MARANHAO, 13 DE JULHO DE 1873.

MILTON E SUAS FILHAS.

Traduzido por F. A. Silva.

Milton esposára uma joven que, pelos laços do sangue, pertencia a uma familia que se achava ligada á causa da realesa.

Esta união deveria trazer-lhe a felicidade; porém, apparecendo a revolução, o furor com que Milton atacou a realesa e sua aliança com os mais encarnicados inimigos do infeliz Carlos I.^o, aterraram sua joven esposa, que retirou-se ao seio de sua familia. Quando os ataques do parlamento e dos inimigos da realesa decidiram da queda do throno e captivo de Carlos I.^o, uma entrevista, promovida por seus amigos, restabeleceu a ternura do feroz tribuna, que recebeu de novo sua fugitiva esposa, e acolheu mesmo toda a sua familia, ameaçada das proscriptões, e lhes prodigalison generosos cuidados.

Sabe-se como terminou esta revolução, feita em nome da liberdade; chegou ao seu termo por meio da dictadura. O am-

bicioso Cromwell firmou seu poder sobre a queda do seu rei, com o título de *Protector*.

Milton, fanatico pela liberdade, se deixou illudir pela grandeza de Cromwell, o maior inimigo da liberdade, como são serem todos os dictadores.

O parlamento perseguio com furor os destruidas defensores da causa real, de quem a morte constituia o unico premio concedido á fidelidade dos juramentos.

Um dia, foi levado um prisioneiro á presença de Milton, então no poder: era um official do exercito imperial que acabava de cair nas mãos de seus implacáveis inimigos.

—Quem és tu? perguntou-lhe Milton, sem mesmo olhar para elle.

—Um official de rei, que cumpriu o seu dever até o momento de ser prisioneiro.

—Sim, um homem de dois corações: um escravo e outro servil, retrucou Milton.

—Não tens o direito de insultar-me, replica o official, tu, que trahiste a liberdade para te entregaras ás ordens de um assassino.

Rios contou os transeos porque havia passado e assegurou ao juiz que os Meninos de Reija eram mais de setecentos, ainda que elle só tivesse visto sete, pois já se tinha notado que, quando em qualquer assalto morriam dois ou tres, eram logo substituidos por outros, e os salteadores tinham um grande numero de espiões e projectores espalhados por todo a Hespanha.

O juiz participou a Rios que ia entrar em serias averiguações para ver si conseguia ganhar um só dos espiões da quadrilha, e para isso partia no dia seguinte para a ermida da serra, onde, no dia em que se tinha dado o assalto, sete homens desconhecidos haviam ouvido uma missa e que talvez os eremitas lhe mini-trassem algumas informações.

No dia immediato ao da chegada de d. João, o juiz de Cordova, acompanhado do seu escrivão, agouas e uma escolta de cavallaria, apresentou-se na ermida da Serra-Morena e tomou as declarações dos ermitões sobre os sete homens armados que haviam ouvido uma missa no mesmo dia em que sete salteadores atacavam aos viajantes na estrada de Sevilla.

—Tens muita pressa de te reunires a Carlos I.^o?

—E' o meu maior desejo.

—Teu nome?

—Davenant.

—Cêos!—E Milton, deixando o seu assento, aproxima-se do prisioneiro e o encara.—Sim, eu te reconheço, diz elle; e voltando á sua cadeira, exclama com autoridade:—Retirem-se todos, deixem-me a sós com este homem; tenho necessidade de interrogalo.

Logo que ficaram sós, o poeta, despindo-se de sua autoridade de proconsul, aproximou-se do prisioneiro, tomou-lhe as mãos, e com voz internecida dice-lhe:—Pois que, seus vós, Davenant; vós, cuja musa para e graciosa me tem dado tantos momentos de doces prazeres?...

—Sou eu, sim, eu que agora não cantarei mais, e que despedi-me dessa musa de quem fallava.

—Não; ella vos protegerá.

—Não nos enganemos com esse entretenimento, dice-lhe o official; é inútil; eu fiz o meu dever, cumpri também o vosso... estou resignado.

Os solitarios penitentes declararam que realmente sete homens armados haviam-se apresentado na ermida e assistido a uma missa funebre mandada celebrar por um cavalheiro desconhecido pelo repouso de d. Affonso de los Rios e que depois um desses sete homens entregara ao superior dellos duas mil *reales* para missas em suffragio do mesmo d. Affonso e que nada mais podiam dizer, por não terem conhecido nem o cavalheiro que encomendou o funeral, nem um só dos sete individuos que assistiram ao acta religioso.

Confrontando as declarações dos eremitas com as dos roubados, o juiz certificou-se de que os homens que haviam ouvido a missa, eram os bandidos que tinham apresionado a d. João Antonio de los Rios, irmão de d. Affonso por quem assistiram á missa funebre.

Depois das interpeleções feitas aos ermitões, o juiz voltu á cidade e communicou á d. João os mysterios que encerravam as declarações que acabava de ouvir.

Rios, como si fóra illuminado, ou antes, como se fóra inspirado por um espirito infernal, exclamou ouvindo-o.

FOLHETIM.

Os bandidos de Andaluzia.

VERSÃO DE D. S.

III

Suspectos.

Logo que soubo-se em Cordova da chegada do sr. Rios, uma multidão de curiosos invadiu a casa do fidalgo. Uns perguntavam-lhe si realmente não eram sete os bandidos; outros, si elle não poderia calcular o logar do subterraneo.

D. João respondia que eram sete salteadores bem montados, porém, que aquelle que fóra seu carcereiro, não tinha entrado no assalto da estrada, e quanto ao logar do subterraneo, elle não podia calcular, porque para lá tinha ido vendado e da mesma forma saído.

Estavam todos escutando a narração de d. João, quando entrou o juiz que instaurara o respectivo sumario, e, as pessoas que alli se achavam, retiraram-se logo, deixando-os sós.

—Sim, porém si somos hoje inimigos por causas politicas, existe entretanto um outro motivo que nos liga como amigos, e eu não vos quero encerrar senão sob este ultimo, despidendo-me do meu caracter de tribuno e a vós do de prisioneiro, não vendo entre nós mais que dois poetas que sempre se extinaram. Os vossos bellos versos são meu égide, e a causa da liberdade não exige o sacrificio de um filho de Apollo. Eu quero salvar-vos, e si com isto fallo ao dever de republicano, cumpro entretanto o de poeta: um homem de confiança vai conduzir-vos para longe deste terrivel logar; ide, fugi; e retomando vosso nobre trabalho, pagae á posteridade o serviço que vos presto em seu nome.

Tudo correu á medida de seus desejos, e lord Davenant, escapo das mãos de seus algos, pôde reunir-se em Hollanda ao filho do seu desgraçado rei, para juntos partilharem perigos e miserias.

Admirados por Cromwell os seus talentos e o arder de sua opinião, Milton foi nomeado secretario-interprete da lingua latina, junto ao conselho de Estado.

Esta sua posição tornou-se importante, pois, por uma politica alterada que applicava a tudo, o *Protector* quiz fazer da lingua latina a única palavra de communicação com os poderes estrangeiros.

Apezar dos numerosos trabalhos do seu emprego, apezar do tempo que elle empregava na composição das obras que publicou nessa época e que se acham ligadas á sua vida, Milton tinha ainda tempo de occupar-se da educação de suas filhas

que, todavia, tendo perdido a mãe, não encontraram no pae toda a ternura de que eram credoras.

A vista de Milton nunca sido fraca sempre, e diminuindo de dia para dia, ameaçava-o de cegueira; na previsão desta desgraça, o poeta, que fazia consistir toda a sua felicidade e entretenimento na leitura de autores antigos, ensinou suas filhas a lerem o grego e o hebraico; ellas conseguiram fazel-o, sem entretanto comprehenderem o que liam, e tinham tanto habilidade, que Emma, a mais velha, muito depois da morte de seu pae, recitava versos de Homero, retidos na memoria, e dos quaes ignorava ainda o sentido.

No meio das agitações e disillussões da vida, Milton não encontrava repouso e calma senão no seio da familia; ali ao menos, a ternura de suas filhas adoçava-lhe os amargores da situação.

Era poderoso ainda, porém não feliz; doente e soffrendo, depois de haver derramado em atrozes pamphletos suas filis republicanas, vinha acclamar a alma ardente nas conversações vivas e agradaveis das filhas, que só procuravam consolal-o.

(Continúa).

Pedro e Camilla.

(Text. de Alford de Moxey.)

(Conclusão.)

X

Camilla foi mãe. Um dia em que o cavalheiro passeava, como de costume, no parque, um criado trouxe-lhe uma carta, escripta por mão desconhecida, e onde se

continuava esta um pleito que lhe custa muito dinheiro, não sabendo-se d'onde o tiram. Ora, unindo-se estes precedentes á solemnidade fúnebre, mandada celebrar, sem duvida, por algum dos bandidos, e, occorrendo a circumstancia de um delles haver dado dois mil *reales* para missas por alma de meu irmão; não resta me o menor escrúpulo em dizer-vos que minha cunhada e sua filha mantêm grande intimidade com os Meninos de Erija, que são os seus protectores.

Minha cunhada tem habilidade para occultar os maiores crimes debaixo da capa hipocrita de uma conducta religiosa e sem mancha. Por outra parte, a famosa quadrilha tem tantos espiões e protectores que os bandidos penetram com a maior impudencia nas mais populosas cidades, apertam-nos á mão, pois, quem os conhece não denuncia, antes trata de protegel-os, e deste modo não admira que venham á Cordova empregar o fructo dos assaltos em galanteios e sejam minha cunhada e sobrinha as amantes occultas desses vandalas; porque, senhor juiz, quem cabras não tem e cabritos vende, de alguma parte lhes vêm.

via uma singela mistura de distincção e ignorancia. Era de Camilla e dizia o seguinte:

—Oh! meu pae! eu fallo, não por minha boca, mas com minha mão. Meus polvos labios conservão-se para sempre fechados, e entretanto eu sei fallar. Meu marido ensinou-me a escrever-vos. O mesmo mestre que o edicillo foi chamado para mim. Custou-me a comprehender. Primeiro aprendeu-se a fallar pelos dedos, depois a fazer figuras escriptas. Ha expressões para mostrar o medo, a colera, tudo finalmente.

—E' necessario muito tempo para se comprehender tudo, porque as figuras são differentes, porém enfim vem-se á saber, como vêdes. O abbade de l'Épée é um homem pacato e bom, que me recorda o padre Vanin, da doutrina christã.

«Tenho um bello filho; não ousava fallar-vos d'elle antes de saber si será como nós, porém não pode resistir ao prazer que sinto ao escrever-vos, apezar da inquietação que experimentamos, sobretudo por não poder ouvir. A ama bem pôde ouvi-lo, mas nós receamos que ella se engane; assim esperamos impacientes o momento em que elle abrir os labios como os que fallam e ouvem. Temos consultado medicos, por saber si é possível que o filho de dons infelizes, como nós, não seja tambem mudo: elles dizem que não é impossivel, mas custa-me a creer.

«Julgae com que receio vemos esta pobre criança á tanto tempo, e como ficamos embaraçados quando elle entre-abre os labios, sem podermos saber si articu-

O juiz dando peso ás observações de d. João, e, crendo descobrir os culpados dos Meninos de Erija, decidiu-se a mandar prender d. Claudia e sua filha, com embargo de tudo quanto possuam.

Naquelle mesmo dia, entrava o ciganio Larcaxa no escriptorio do procurador d. Anacleto e entregava-lhe mil duros da parte do chefe Padilha:

«Ao nouteecer, o procurador dirigio-se á casa de d. Claudia e entregou-lhe dez mil *reales*.

A senhora e sua filha ao verem aquella quantia, começaram, como era de costume, a instar com o pygméo, promettendo-lhe sigillo, para que lhes declarasse quem era o generoso benefactor.

O procurador negou-se, como sempre, a satisfazer as e ellas ficaram crendo que aquellos auxilios eram enviados pelo pae natural de d. Claudia, que casado talvez, se visse obrigado a soccorrel-as por meios occultos.

D. Anacleto despedio-se, pretextando grandes occupações.

(Continúa.)

lão um som! Acredite que recorda-me minha mãe, porque ella devia inquietar-se como eu. Meu pae amou-a como a meu filho; porém en sempre fui causa de seus males. Agora que sei lêr e escrever comprehendendo quanto soffreo minha mãe.

«Espero que meu pai, para mostrar-se benevoló, deve vir vêr-nos a Pariz; seria isso muito do gosto de quem é vossa filha obediente.

«*Camilla*»

Ao ler esta carta, o cavalheiro hesitou muito tempo. Custava-lhe a crer que Camilla a tivesse escripto; mas foi preciso ceder á evidencia. O que fazer? Si elle accedesse ao pedido de sua filha, indo a Pariz, expunha-se a reavivar suas dores. Uma criança, que elle não conhecia, é verdade, mas que enfim era o filho de sua filha, podia recordar-lhe passadas agónias. Camilla lembrava-lhe Cecilia e elle não podia deixar de partilhar a inquietação d'esta mãe, esperando uma palavra do seu filho.

—E' preciso ir, disse o tio Giraud, quando o cavalheiro o consultou. Foi en quem arranjou este casamento é o considero bom e duradouro. Quer morrer de dôr? Sem que queira censural-o, pergunto-lhe si já não é bastante ter esquecido sua mulher no baile, ao sair do qual ella afogou-se? Esquece-vos tambem esta pequena? Dou-lhe toda a razão em andar triste, porém é preciso pensar que isto não é vida. Ella pede-lhe que vá; vamos.

Eu o acompanharei, si bem que ella se tenha esquecido de mandar-me ir tambem.

Não é muito louvavel que ella se tenha esquecido de bater-me á porta, eu que lla tenho sempre aberto.

—Elle tem razão, pensou o cavalheiro. Eu fiz inutil e cruelmente soffrer a melhor das esposas. Deixei-a succumbir a uma horrivel catastrophe, quando deveria tê-la preservado.

Si hoje devo ser punido com o espectáculo da desgraça de minha filha não tenho direito a queixar-me; por mais penoso que elle seja, devo condemnar-me a assistil-o. Eu mereço este castigo. Que a filha me puna por ter abandonado a mãe! Irei a Pariz; verei essa criança. Esqueci o que ameí, fugi á desgraça; quero agora experimentar um amargo praser em contempl-a.

Em um bello gabinete forrado, no primeiro andar de uma boa casa, situada no arrabalde Saint-Germain, estavam a jovem esposa e seu marido, quando chegaram o pae e o tio. Sobre uma mesa, desenhos, livros, gravuras. O marido lia, a mulher

bordava, a criança brincava sobre o tapete.

O Marquez levantou-se; Camilla correu a seu pae, que a beijou ternamente, sem poder reter algumas lagrimas; porém os olhares do cavalheiro se fitaram logo no menino. A seu pesar, o horror que elle out'ora sentia pela enfermidade de Camilla, revivia agora em seu coração, á vista d'aquelle ser, herdeiro da maldição que elle legára. Elle recuou quando l'ho apresentaram.

—Ainda um tudo! exclamou.

Camilla tomou o filho ao colo; comprehendêra sem ouxir. Levantando docemente o menino diante do cavalheiro, ella pousou-lhe um dedo sobre seus pequenos labios, como provocando-o a fallar. A criança fez-se rogar por alguns minutos, depois pronunciou distinctamente estas duas palavras, que de antemão l'he haviam ensinado:—Bom dia, papá.

Vêde que Deus tudo perdôa, e sempre, disse o tio Giraud.

FIM.

Augusto Gabriel.

Lamentações de um burro.

PALAVRAS DE G. ESTRELLA.

Musica do nuestro Corico.

Negras muralhas de um forte em ruinas sobre um rio; do lado opposto uma ponta da terra coberta de matto e a vista de uma pequena fortaleza.

Vae amanhecendo.

(O burro sobre a muralha do forte, olhando para o mar, exclama tristemente:)

Que vida triste é a minha,
metido em negra muralha...
Pobre burro!... ha tantos dias
que te falta a negra palha!...

(Dando com uma palha de bato:)

Ah! si ao menos eu pudesse
engulir uma metralha!...

(Voltando se para o lado opposto do rio:)

Vejo alem, naquella ponta
grande campo a verdejar...
mas, um rio... oh! que tropeço;
não o posso atravessar!...

(Com o olhar desviado, em frente de uma peça:)

Tenho fome... se esta peça
eu pudesse devorar!...

(Noutro tom, meneando a cabeça:)

Não me queixo do paiz
que manda-me dar forragem;
é choro, do meu tyranno,
a dura fome selvagem...

(Olhando para a barriga e com raiva:)

Eu teria a pança cheia
si não fosse essa voragem.

(Dá as costas para o rio e olha para o chão; com desespero:)

Nem a relva que aqui nasce,
nem a relva!... que'n duria?
Pobre burro!... não a comes;
é comer da artilharia!...

Que miseria!... si jen contasse,
ninguem acreditaria!...

Mas é certo é que esta relva
serve de bucha ao canhão!
Pobre peça! tambem chora
por trocaram-lhe o quinhão.

Em vez de estopa... capim
l'he produz indigestão.

(Exaltando-se progressivamente:)

Alem da fome, o tyranno
quiz minha força domar;
converteu-me num emacho
por não poder me imitar!

Por despeito e por inveja,
juro-me inutilisar.

(Percorre as muralhas, como de frente:)

Que muralhas desgraçadas,
onde tudo é negra fome,
onde até as pedras choram;
onda tudo a dor consome!...

(Com desconfiança, espreitando para todos os lados:)

Não vão ouvir-me... a est' hora
nesta enfermeira sem nome.

(Abaixando a voz e olhando para um monte de pedras:)

Ha duas noites, as pedras
fallavam... eu bem ouvi;
um pedregulho dizia:
«Nós não eramos daqui,

«Naquellas negras areadas
«por muitos annos vivi;

«Como é que neste forte
«vimos muitas parar?
«durante o somno, sem duvida,
«nos fizeram transportar!»

—«Quando não, disse uma pedra,
«eu havia de gritar:

«Aqui d'el-rei que me levam;
«en son pedra da nação!»
—«Talvez assim escapasse
«das garras do gavião.»

—«Tinham de ouvir um protesto;
disse irado um matacão.»

Depois as pedras calaram;
sentiram bolha talvez...
Era um paneiro de cal
fallando por sua vez:

—«Eu tambem aqui estou,
mas, não sei quem isto fez.»

(Depois de alguns momentos de silencio, murcha as orelhas, como reflectindo:)

Ah! si eu pudesse escrever,
como feliz en seria!...
como tantos companhieiros,
nos jornaes eu clamaria:

Tudo isto direitinho
o ministro saberia!

Mas ah! estrella fatal!
até minha Redenção
um velho amigo — que tenho
me recusa proteccion.

Esquece na outra esphera
sua primeira confissão!

(*Exaltando se pouco a pouco*)

Nesta vida desgraçada
meu futuro qual será?
Talvez em breve, nas vagas,
o meu corpo boiará!!

(*No auge de desespero*)

Mãe, a minha mãe, mãe,
meu algoz perseguirá

(*Inspiradamente e em tom prophético descen-
do as escadilhas e caminhando para debaixo de
uma caneloteira*)

De amor, em paz, se caricias
suaes, nunca fizesse gozar;
há de sempre a minha sombra,
tyrannico, te acompanhar!

Todas as noites á porta
de tua bella irmã zangado

(*Com grande exaltação*)

No Jardim nem uma planta,
nem uma flor hasde ver;
quantas ali vegetarem
minha sombra hade ter!

Asim como eu hoje soffo,
tu tambem hasde soffrer.

*«Cae exaltado debaixo da cortina; de um dos la-
dos apparece um velho menino que atravessa as
suas pernas contorcendo. O velho sentindo os passos
reunimo-se, ergue-se e com a bocca aberta inventa o
niltico que logo expone pelo lado opposto ao
que entrou; movem-se ambos. — Desce o piano lenta-
mente»*

Fim.

ACROSTICHE.

A amé I de la beauté divine image!
— tal je, tout soumis et à genoux,
R endre de mon cœur le dû hommage
A toi, qui de l'esme n'es un bijou.
D u être que tu l'es aussi parfait
N aurai-je le bonheur de posséder?
A Dieu mes vœux toujours je les ai fait,
— je viens à toi aussi les adresser.

Maranhão.

S.

Soneto.

Ousado cauteiro, devolvedor
a certo régalo de alguns mil reis,
lemendo alguma coisa, não punha os pés
na rua em que morava o seu credor.

Andava de alcateia o mercador,
com gana de lhe dar tres pontapés,
cangado de esperar o fim de um mez
que nunca via vir, com dissabor.

Um dia aconteceu ter de passar
pela rua que já não thera franea,
para um negocio de valor tratar:

o vento o seu chapéo, iroso, arranca
e fazendo-o voar, fal-o tombor
em casa do credor, sobre uma banca.

A. A.

CHRONICA.

As meninas Riosas — O Babilu em miniatura — Hugo Bussemeyer —
A Festa do Santo Antonio — Na igreja e no largo — O Barro.

Fallem-me, fallem-me das meninas Riosas, da interessante novidade do dia e digam-me, sem medo de errar, e com a devida vénia do admiravel talento de Bussemeyer:

— Isto é vinho de outra pipa.

Domingo passado deram estas esperanças crianças o seu primeiro espectáculo, que foi o primeiro espectáculo destes ultimos tempos; dramaticamente fallando, a joia de maior preço!

Foi uma verdadeira surpresa: o nosso publico, que não é de todo muito bôlido, não, porisso que descre de estes *artistas purosos de archibação* recebeu muito firmemente o Sr. Riosas e suas gentis filhizas, a quem não fez esse Sr. recomendar por bombasticos artigos de gazeta.

Havia, portanto, pouca gente no theatro; os applausos, porém, foram unanimes; ninguém se retirou menos satisfeito do admiravel trabalho das pequenas artistas.

Começou o espectáculo por um *duetto* hespanhol *Loce de amor*, que finalisoa por uma valsa.

Esta primeira parte foi apenas o relampago que annunciou o raio.

Os deus infernos foi de um desempenho admiravel! Imagine-se uma menina de 9 annos, caracterizada em um velho pachola imitando perfeitamente os seus trejeitos, fingindo-se *devotadamente* entusiasmado pelo Alcazar, com o *Orpheu* e a corveja na cabeça, vivamente impressionado pelas pernas de Cupido ou de Eurydice e aborrecido da Sr.^a Dorothea, velha retrogala, que perora sempre contra os maus costumes, citando a *Nora Castro*; papel este desempenhado magistralmente por outra menina de 12 annos!

Depois dos *Deus infernos* seguiu-se *A panella do feitiço*, outro *duetto* comico que causou furor!

Foram tantas as palmas que arrancou á plateia, que parecia achar-se o theatro lateralmente cheio!

A menina Julia, a mais nova, é o Babilu em miniatura: tem uma mimica soberba, naturalissima, tunida expressão, muito chiste; a irman é mais acanhadinha, porém não deixa, porisso, de ser digna da admiração sincera do publico; em um papel de ingenua nada deixa a desejar. Chamou-se Carolina.

Depois de cantarem com muita propriedade um difficil e bello *duo do Dominó azul*, a bonita zarzuela de Barbieri, representarem ainda uma comedia *Pardo e Virginia*, que já que aqui foi representada peia companhia franceza sob o titulo *Ladiana et Charlemagne*, e cujo desempenho agradou tanto como o do *Deus infernos*.

Não perca o publico o ensejo que se lhe offerece para ver quanto pôde a arte: fico do perfeita harmonia com a consciencia, dizendo-lhe que naquelle genero é o que de melhor pode haver.

Acreditem-me todos e fiquem todos con-

vençidos do merito das meninas Riosas que infelizmente, para ellas, não mandaram a photographia para o *Novo Mundo*.

Quinta-feira trabalharão em beneficio da instrução: a menina Julia desempenhará *O Sr. Domingos fora do serio*.

— Quinta feira passada teve logar nos salões da *Limitada* o ultima concerto do Sr. Hugo Bussemeyer, cooperado pela Sr.^a Carolina Angel. Esteve o primoroso artista, como sempre, sublime e admiravel.

Causou sensação o *Rei dos Olhos*.

A concurrencia foi muito pequena: não haviam mais de sessenta pessoas, a maioria, entre senhoras e cavalheiros.

Bo-singer deixa entre nós as mais sãas saudades.

— Agora acompanhando-me o bom-fôr ao largo de Santo Antonio analisemos juntos o que por lá vai.

Por onde havemos de principiar? Pela igreja, não é assim? onde todas as noites repete-se a mesma musica, as mesmas cerimoniaes, onde os rapazes vão para ver as moças, e as moças para rezar, não deixando, contudo, de fumar de quando em quando um olhar a Santo Antonio para olhar de esguelha para outro santo, fingindo que compõe a *polveza* ou endireita o facho que lhe parece estar enviado do mar *tiqûinho* para a esquerda.

Mereceu-me séria attenção um dialogo entre duas vestidas mulheres, que censuravam acerbamente a exatidão dos *Jesuitas a trete* n'uma festividade religiosa.

Apesar de que curado antiguismo ao ultramontanismo, não deixei de achar razão nas pobres mulheres, que argumentavam com a melhor tenção.

Então o brago: voltamos ao largo, leitor, o que vê V. S.?

Botequins, cujo sachimento é completamente desbastado durante as tres ou quatorze noites da festividade.

Aquelle celebre cosmorama da rua Grande, o melhor que penetrou toda a Europa, Asia, Africa, Oceania, e está agora na America;

O invariavel letreiro do *Quaty*, que promette uma caixa de obreias gratis a quem lhe dá cinco tostões;

O immutavel fogo de vista; a garapa: os doces; o *roleta*; o quino, mal escondido nos fundos immoraes de um hotequim; as melidas; os repiques; o leilão *et reliqua*.

Agora peço a attenção do leitor para uma peça dramatica, que se acha inserida n'outra secção do jornal.

Elly, o herôe.